

AGRICULTURA FAMILIAR

Oportunidade de retomada para as agroindústrias

Feira será o primeiro grande evento no pós-enchente para os negócios familiares

Ana Esteves, especial para o JC

O proprietário da agroindústria Rodeio da Figueira, do município da Candelária, Givanildo Vidal de Souza, perdeu absolutamente tudo na enchente de maio: as duas casas da família ruíram, ficaram inabitáveis com risco de desabamento, as plantações de cana foram levadas pela enxurrada e no lugar delas ficaram pedras e lodo. A estrutura produtiva da agroindústria, as máquinas, os insumos e os produtos estocados foram todos varridos pelas águas. E, por incrível que pareça, a perspectiva de participar da Expointer é o que fez com que Souza tivesse a ideia de montar uma estrutura básica para produção de melado, num canto de um galpão que não foi atingido por estar numa área mais alta da propriedade.

“A feira foi a luz no fim do túnel para nós. De uma expectativa zero de participar, juntamos forças, fizemos um mutirão e alguma ajuda financeira. Em 20 dias, conseguimos voltar a produzir, comprando matéria-prima de terceiros”, afirma o produtor. Para esta edição da feira, a 11ª que a Rodeio da Figueira participará, Souza conta que levará melado batido, melado líquido e a novidade: puxa-puxa de potinho. “Serão mais de 2 mil unidades dos nossos produtos, variando os tamanhos das embalagens.”

A possibilidade de ter uma vitrine como o Pavilhão da Agricultura Familiar (PAF) para comercialização dos produtos tem mobilizado muitas agroindústrias a não medir esforços para participar da feira, pois é o primeiro grande evento no pós-enchente e tem uma importância muito grande no caminho da retomada. “Muitas famílias ficaram com seus produtos represados, pois não havia



Após perder tudo nas cheias, donos da Rodeio da Figueira veem a feira como ‘luz no fim do túnel’

estradas, não havia locais e feiras para comercialização. Tudo parou. Outros perderam tudo e tiveram que recomeçar como deu para, pelo menos, garantir alguma produção para vender na Expointer”, afirma o vice-presidente da Federação dos Trabalhadores Rurais do Rio Grande do Sul (Fetagr-RS), Eugênio Zanetti.

O dirigente evita falar em volumes recordes de vendas no pavilhão, a exemplo do que ocorria nos anos anteriores, pois, na opinião dele, o mais relevante nessa edição da feira é a participação das agroindústrias por si só. “A capacidade delas de superação, de resiliência diante da tragédia e de mostrar que o povo gaúcho é capaz de recomeçar. Neste ano, a Expointer representa um símbolo da reconstrução.” E os números de expositores inscritos corroboram com essa ideia: este será o ano com maior participação das agroindústrias, com 413, ou seja, 41 expositores a mais do que em 2023, quando foram 372. Nesse ano, esses empreendimentos representam 181 municípios do Rio Grande do Sul.

Um dado importante e que, cada vez mais, se consolida é a participação de jovens e mulheres à frente das empresas familiares. No ano passado, eram 148 com a força

feminina liderando e agora são 216. Dos empreendimentos participantes, 125 são liderados por jovens, em 2023 eram 87. “Cada vez mais, a mulher está se consolidando na questão da independência financeira, da autonomia e o jovem vê a agroindústria como uma forma de permanência na propriedade, se ele tiver renda e qualidade de vida, além do idoso que, muitas vezes, não consegue mais fazer trabalho pesado, fica na agroindústria ajudando a família”, explica Zanetti. Neste ano, 73 agroindústrias vão estar participando pela primeira vez da feira, que completa 25 anos.

E a pergunta que não quer calar e que todos os anos se repete: quais as novidades que devem atrair e conquistar os paladares dos visitantes do pavilhão? Zanetti destaca alguns como o queijo com erva-mate, queijo com raspas de limão, geleia com queijo, geleia com bacon, calda de fruta para drinques, azeite de oliva trufado com alho. “As atrações vão muito além e são sempre irresistíveis.” O espaço da agricultura familiar é reconhecido pela grande variedade de embutidos, defumados, queijos e laticínios diversos, pães, cucas, biscoitos, doces, geleias, mel, pescados, derivados da cana-de-açúcar, farinhas, vinhos, espumantes, cachaças, sucros,

temperos, frutas desidratadas, ovos, licores, erva-mate, grãos e cervejas artesanais.

No artesanato, estarão produtos elaborados com matérias-primas encontradas nas propriedades rurais – como lã, fibras vegetais, couro, madeira, porongos e artigos de cutelaria ligados à tradição gaúcha. Entre os produtores de plantas e flores, destaca-se a produção de suculentas, orquídeas, bromélias, cactos e sementes crioulas. Além disso, seis estandes apresentarão artesanato indígena das etnias Mbyá-Guarani, Kaingang e Xokleng. Haverá ainda um estande com produtos artesanais feitos por comunidades quilombolas gaúchas e 38 agroindústrias trabalharão com produtos orgânicos.

Para o secretário de Desenvolvimento Rural, Ronaldo Santini, o aumento do número de expositores demonstra a importância da feira para os empreendedores familiares. “Este tem sido um ano desafiador para o Rio Grande do Sul como um todo, mas especialmente para o pequeno produtor rural. Apesar dos obstáculos impostos, vamos conseguir superar e ampliar o número de empreendimentos presentes”, comemora. “Isso mostra mais uma vez a relevância que o espaço tem para a economia

dessas famílias, que veem a Expointer como o ponto alto de comercialização do ano.”

Zanetti diz que o pavilhão não sofreu muitas avarias em função da enchente e que foi preciso apenas fazer uma grande faxina e a reforma dos banheiros. “Ficamos com um metro de água dentro do pavilhão, mas nada que comprometesse estrutura.” Com o acréscimo de 41 agroindústrias, foi preciso redistribuir os estandes para que uma nova ilha fosse criada. “Antes, os estandes eram de dois por três metros e agora ficaram dois por dois”, explica.

“As agroindústrias tiveram uma parada muito grande da comercialização no mês de maio, depois daqueles eventos climáticos, deslizamento de terra, enchentes, muitas feiras programadas para aquele período não ocorreram e o pessoal não conseguiu vender”, afirma o engenheiro agrônomo, extensionista da Emater/RS-Ascar e integrante da comissão organizadora do Pavilhão da Agricultura Familiar, Marcio Dalbem. E é justamente em função desse represamento das feiras e dos bons resultados que eventos como a Fenadoce de Pelotas têm apresentado, que a expectativa é de incremento de, pelo menos, 10% na comercialização, em relação à edição de 2023, quando foram negociados R\$ 8,67 milhões no espaço. “O público tem prestigiado bastante esses eventos que ocorreram fora de época, em função das enchentes e acreditamos que, na Expointer, não será diferente”, completa Dalbem. Ele conta que, além do cancelamento das feiras, muitos produtos ficaram represados nas propriedades, pois a falta de estradas e as inundações deixaram os produtores sem condições de sair de casa, em vários municípios do Estado. “Ainda há algumas agroindústrias com produtos estocados, mas a maioria conseguiu vender nas feiras que ocorreram fora de época e o que a gente vê agora são famílias correndo para produzir mais e poder levar para a Expointer.”